

## RECENSÃO:

MAHFOUD, Miguel – SAVIAN FILHO, Juvenal (orgs.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017, 429p.

**Cássio Augusto Antunes de Paiva**

---

Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos Filosófico-Teológicos “*Redemptoris Mater*” de Brasília. E-mail: cassioantunes.paiva@gmail.com

A obra supracitada é um conjunto de quinze textos nos quais o pensamento de Edith Stein interage através de diversas formas de pensar, especialmente se tratando de pensamentos atuais, com seus leitores contemporâneos.

São textos que relatam diálogos que não existiram concretamente, mas que podem ser vislumbrados hoje como teriam acontecido tais colóquios. É propriamente esse o caso da instigante identificação de semelhanças e diferenças entre Edith Stein e Simone Weil, feita por Fernando Rey Puente em um dos textos. É também inevitável relatar que alguns desses diálogos poderiam ter existido entre Edith Stein e Romano Guardini, por exemplo.

Ainda existem outros textos, no presente livro, que discursam sobre o pensamento de Edith Stein, mas sem deixar de ser um diálogo direto com os leitores de hoje, pois como a própria Edith Stein dizia, seu pensamento não se construía senão em diálogo com o que realmente interessava a ela e às pessoas.

O presente livro é um resultado da dedicação do antigo Grupo de Trabalho Edith Stein, que iniciou os simpósios internacionais. Ele é o coroamento do trabalho empreendido há anos pelo Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade da UFMG, cujo maior objetivo é possibilitar que as pesquisas acadêmicas baseadas em Edith Stein se tornem ocasião de formação cultural.

Em um dos artigos, temos o texto de autoria de Fernando Ruy Puente, que lança um olhar de reconhecimento sobre os dois percursos filosóficos – o de Edith Stein e o de Simone Weil – em muitos aspectos discordantes, porém convergentes em relação ao seu objetivo principal. Essas duas pensadoras que viveram no século XX tiveram vidas breves; no entanto,

cheias de uma verdadeira busca filosófica e espiritual. Edith Stein nasce em 1891 e morre com 51 anos, em 1942; Simone Weil, a mais nova das duas, nasce em 1909 e morre aos 34 anos, no ano de 1943. Ambas de berço judeu e tocadas pelo cristianismo. Uma alemã e a outra, francesa.

No que diz respeito à pesquisa filosófica das duas autoras, as diferenças são evidentes. Edith Stein interessou-se pela Filosofia desde cedo, e inspirada por uma mulher que depois se tornaria sua amiga, Hedwig Martius, decide procurar Edmund Husserl em Gotinga e dedicar-se à Fenomenologia, método esse que buscava descrever minuciosamente a consciência e seus dados, transcendendo assim as controvérsias entre realismo e idealismo. Mais tarde, Edith se apegará à filosofia medieval, mais detalhadamente à obra de São Tomás de Aquino.

Já o caminho intelectual percorrido por Simone Weil não poderia ser mais diferente. Sua formação escolar estava alicerçada no tríptico de autores que formavam o pilar do ensino filosófico da França republicana: Platão, Descartes e Kant. Marx ainda foi posteriormente adicionado pela própria Simone aos seus estudos. Nesse percurso, devemos destacar a preocupação política de Simone Weil, que desde cedo se engajou em lutas sindicais e que foi trabalhar em uma fábrica, e posteriormente no campo, para poder melhor compreender a condição dos trabalhadores. Fica assim claro que Simone não pertenceu à Fenomenologia de Husserl. Ainda cabe ressaltar que Simone não simpatizava muito com Aristóteles e São Tomás de Aquino.

O autor destaca também nesse artigo os diversos caminhos traçados pelas duas filósofas em direção a Deus, seja esse um caminho pessoal ou impessoal. Ele relata que apesar das diferenças sobre o valor e a importância que se confere ou não à noção de pessoa e comunidade, tanto Simone quanto Edith tiveram obviamente como meta em suas vidas, Deus. O caminho de Edith foi mais tranquilo, se assim se pode dizer. Ainda que sua morte tenha ocorrido em um campo de concentração, ela sempre buscou conciliações a vida toda, por mais difíceis que fossem, tais como

as que procurou construir entre o judaísmo e o cristianismo ou entre a Fenomenologia e a filosofia de São Tomás de Aquino. A ideia de sentir-se acolhida em uma comunidade foi sempre uma constante. Já para Simone, ao contrário, a experiência de solidão e de estar à parte de um grupo foi sempre uma marca de seu caráter estoico que ela transformou em Filosofia. Assim, enquanto a vida e obra de Edith parecem ser a expressão de uma argumentação conciliadora, a sua harmonia provém de uma tranquila e serena tentativa de mostrar as semelhanças entre opostos que não podem ser conciliados neste mundo. Dado tudo isso, é fácil entender porque essas duas pensadoras tiveram um acolhimento tão diverso no seio da Igreja e mesmo em meio à comunidade filosófica. Edith é muito mais facilmente classificável, menos ameaçadora para os grupos e as instituições: do ponto de vista filosófico é uma fenomenóloga e, do ponto de vista religioso, uma religiosa cristã que permaneceu fiel a seu povo até a morte. Já Simone Weil, ao contrário, permanece como uma verdadeira dinamite, difícil de ser digerida por algum grupo. Até mesmo em se tratando do campo filosófico. Como precisar seu lugar na filosofia?

Finalizando tal reflexão, se pode perceber que se a diversidade de vida e de obras dessas duas pensadoras torna difícil que elas sejam aceitas simultaneamente por nós, não parece em nada difícil elas serem acolhidas conjuntamente por Deus. Cristo parece ter escolhido ambas filósofas judias que paradoxalmente tiveram a meta de suas variadas vidas voltadas para Ele. Uma pequena prova dessa semelhança é que ambas enalteceram o grande poeta e místico espanhol São João da Cruz em seus estudos.

Assim sendo, através das razões expostas, creio que por diversos caminhos Deus permite nosso encontro pessoal com Ele, como foi relatado na vida e obra dessas duas pensadoras contemporâneas.

Também cabe ressaltar o artigo de Marina Massimi, que visa ressaltar o diálogo travado entre Edith Stein com autores que foram historicamente decisivos para o desenvolvimento da Psicologia científica, ou que de alguma

forma assinalaram possibilidades de constituição dessa área científica numa ótica mais próxima da Fenomenologia. Assim sendo, tal artigo possibilita a discussão entre Edith Stein e as teorias de dois grandes pensadores da Psicologia científica: W. Wundt e W. James.

Existe uma ampla discussão acerca do tipo de teorização na ciência psicológica e nas demais ciências humanas, travada na segunda metade do século XIX. Essa discussão está relacionada à inserção da Psicologia no contexto das ciências e por isso adquire uma importância decisiva na construção de suas bases epistemológicas. A questão central que norteia o debate refere-se à pertinência de introduzir na Psicologia o postulado do determinismo psíquico: seria este necessário para fundamentar o método científico de análise dos fenômenos psíquicos? Ou seria pertinente postular uma causalidade não determinista?

Sigmund Freud afirma a hipótese do determinismo da vida mental, apesar dos questionamentos de Jung, por exemplo. Para ele, o determinismo psíquico é parte de uma concepção global do Universo, num horizonte epistemológico de matriz positivista e que alicerça também o conceito de inconsciente.

Para Edith Stein, enfocando a relação entre determinismo, causalidade e motivação, parece pretender envolver-se na discussão sobre a cientificidade da Psicologia e sobre suas relações com as demais ciências, fornecendo uma contribuição original baseada no método fenomenológico. Edith visa contribuir para essa discussão por meio de investigações fenomenológicas que visam compreender a essência da realidade psíquica e do espírito. À luz destas investigações, pretende evidenciar as leis fundamentais que atuam conjuntamente em um sujeito psíquico de essência sensível-espiritual: a causalidade e a motivação. Segundo Edith, o problema da causalidade psíquica é decisivo para a fundamentação filosófica da Psicologia e das ciências do Espírito. Ao revisitar as interpretações de Hume e de Kant para o tema da ideia de causalidade, Edith afirma que só a abordagem de Husserl

conseguiu elaborar um método adequado para a compreensão do fenômeno da causalidade em Psicologia. Nesse contexto, o método fenomenológico contribui de modo decisivo, pois denuncia debates e posições viciados pelo erro básico de confundir a consciência com o psíquico. Ao realizar sua análise fenomenológica acerca do fenômeno da causalidade psíquica e da motivação, Edith Stein trava um diálogo amplo com um leque de autores que vão de filósofos a psicólogos, e alicerça-se nas contribuições de Husserl, Theodor Lipps, A. Reinach e W. Pop.

Edith Stein descreve fenomenologicamente a vida psíquica como resultado do efeito combinado de forças diversas: a força vital sensível e a força vital espiritual. A primeira enraíza a psique na natureza, sendo objeto das pesquisas que enfoquem as conexões entre psique, corpo e natureza material. A segunda é expressão de um núcleo interior, ou condição pessoal originária, que exerce importante função no acontecer psíquico: desse núcleo surgem a força de vontade e o exercício da liberdade. Portanto, a vida psíquica, para além da lei causal, é submetida a outra lei: a ordem da motivação que subordina a psique ao domínio da razão.

Vemos como Edith não nega a possibilidade de uma Psicologia científica, nem as tentativas realizadas nesse sentido. Sua preocupação é a de indicar o caminho para a fundamentação rigorosa dessa ciência, caminho este que não pode abrir mão da Filosofia e que dialoga, valorizando-as, com todas as tentativas postas para o conhecimento pleno do campo dos fenômenos psíquicos.

Vemos, como relatado anteriormente, que a presente obra dos diálogos de Edith Stein é de grande importância para os estudantes e admiradores do pensamento filosófico e fenomenológico da citada pensadora, que por esses aqui explicados artigos e outros ainda contidos nesse livro, se pode perceber a densidade, profundidade e relevância do seu pensamento.